

**Saúde e segurança ocupacionais em mulheres trabalhadoras
e gênero**

***Occupational health and safety in working women and the
gender***

Salud y seguridad en el trabajo en las trabajadoras y género

Maria Inez Santos¹

¹Doutora em Segurança e Saúde Ocupacionais pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (U.Porto). Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Servidora técnica-administrativa da UFAL. **E-mail:** maria.inez@progep.ufal.br, inezsantos1@hotmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-0148-1144>

Resumo: Este estudo objetiva demonstrar fatores que podem estar associados à saúde e à segurança ocupacionais de mulheres trabalhadoras com a questão de gênero. A busca dos estudos envolveu quatro bases de dados eletrônicas: *Science Direct*, *Scopus*, *PubMed* e *Web of Science*. Descritores: *diseases; gender; safety; health; work*. Critérios de inclusão: estudos publicados no período de 2016 a 2020, sem distinção de línguas e que tratassem da temática. Exclusão: revisões sistemáticas. Foram encontrados 2.855 estudos. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram lidos 83 artigos, e oito foram incluídos na revisão sistemática. Concluiu-se que associar saúde ocupacional e questão gênero sugere influência na incidência de doenças ocupacionais. Sugere-se, no fim, o aprofundamento dessas questões.

Palavras-chave: doenças; ocupacional; gênero; segurança; saúde.

Abstract: This study aims to demonstrate factors that may be associated with the occupational health and safety of working women with the gender issue. The search for the studies involved four electronic databases: Science Direct, Scopus, PubMed, and Web of Science. Descriptors: *diseases; gender; safety; health; work*. Inclusion criteria: studies published in the period from 2016 to 2020 without distinction of languages and dealing with the theme. Exclusion: systematic reviews. Two thousand and eight hundred and fifty-five studies were found. After applying the inclusion and exclusion criteria, 83 articles were read, and eight were included in the systematic review. The conclusion is that associating occupational health and the gender issue suggests an influence on the incidence of occupational diseases. It is suggested, in the end, the deepening of these issues.

Keywords: diseases; occupational; gender; safety; health.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo demostrar los factores que pueden estar asociados con la salud y seguridad ocupacional de las trabajadoras con problemas de género. La búsqueda de estudios involucró cuatro bases de datos electrónicas: *Science Direct*, *Scopus*, *PubMed* y *Web of Science*. Los descriptores: *diseases; gender; safety; health; work*. Criterios de inclusión: estudios publicados de 2016 a 2020, sin distinción de idiomas y que trataron del tema. Exclusión: revisiones sistemáticas. Se encontraron 2.855 estudios. Después de aplicar los criterios de inclusión y exclusión, se leyeron 83 artículos, y ocho fueron incluídos en la revisión sistemática. Se concluyó que asociar la salud ocupacional y la cuestión de género sugiere una influencia en la incidencia de enfermedades profesionales. Se sugiere, al final, la profundización de estos temas.

Palabras clave: enfermedades; ocupacional; género; seguridad; salud.

1 INTRODUÇÃO

Esta revisão sistemática pretende tratar de saúde e segurança ocupacionais das mulheres trabalhadoras e a questão de gênero em diversos locais de trabalho, ao se perceber a prevalência de afastamentos por motivo de saúde a que as mulheres estão expostas. Faz-se necessário, nesse intento, considerar que há diferenças importantes entre homens e mulheres, e que todo o processo de trabalho merece ser reconhecido nas suas especificidades. Nesse aspecto, há vários estudos que retratam a realidade das mulheres no trabalho e o seu adoecimento, com nuances que diferem dos homens; daí a importância de verificarmos e de aprofundarmos o assunto, especificamente sobre a questão de gênero (Oliveira, 2019; Zanello *et al.*, 2015; Atz, 2021) assim como analisarmos os fatores sociais que mediam as relações de trabalho. Compreendemos que, se a saúde ocupacional numa perspectiva de gênero for ignorada, as políticas de igualdade serão sempre ineficazes. A esse respeito, o IBGE afirma:

Na maioria das sociedades, há diferenças e desigualdades entre mulheres e homens nas funções e responsabilidades atribuídas, atividades desenvolvidas, acesso e controle sobre os recursos, bem como oportunidades de tomada de decisão. Estas diferenças e as desigualdades entre os sexos são moldadas ao longo da história das relações sociais, mudando ao longo do tempo e em diferentes culturas (IBGE, 2018, p. 2).

Ressaltamos, assim, que o trabalho feminino tem crescido.

Segundo a secretaria do trabalho do Ministério da Economia, dados apontam que a participação das mulheres no mercado de trabalho vem aumentando no Brasil e que houve um crescimento da ocupação feminina em postos formais de trabalho, passando de 40,8% em 2007 para 44% em 2016 (Coordenação Geral de Saúde do Trabalhador, 2020).

E, para o caso, há a necessidade de um olhar das entidades de saúde e de segurança ocupacionais. É importante entendermos que os diferentes efeitos dos riscos e dos adoecimentos diferem entre homens e mulheres, seja nas possíveis maiores taxas de adoecimentos, as quais podem resultar em riscos na saúde reprodutiva, seja nas exigências físicas do trabalho

pesado, no *design* ergonômico dos locais de trabalho, na duração do dia de trabalho e nas tarefas domésticas. Essas questões impõem uma abordagem à investigação e à prevenção mais direcionada para as questões de gênero e mais sensível a estas, pois têm contribuído para formas de adoecimento e têm prejudicado as mulheres, além de deixarem um vácuo nas políticas e nas legislações específicas. Ainda, somam-se a essas questões fatores que evidenciam a lógica de organização e de estrutura do mercado de trabalho, o qual não valoriza nem reconhece a discussão sobre a necessidade de conciliar as responsabilidades familiares com o trabalho profissional, ao considerar a mulher como a responsável “natural”, como se esse fato fosse da sua própria essência, e, portanto, desresponsabilização dos homens, o que limita a disponibilidade e as condições de trabalho das mulheres, contribuindo para o adoecimento delas. Este estudo, portanto, vem contribuir com mais questionamentos na área e formula a seguinte pergunta: como as questões de gênero podem influenciar na saúde e na segurança ocupacionais das mulheres?

Nessa perspectiva, na medida em que um número crescente de mulheres integra o mercado de trabalho em todo o mundo, ressaltamos que é necessário monitorizar tendências específicas em matéria de emprego e de exposição aos riscos emergentes – tanto físicos como psicossociais –, para que se possam desenvolver quadros de promoção e de prevenção eficazes. Nesse aspecto, o trabalho integra a discussão de gênero em alguns processos produtivos para demonstrar a necessidade de trazer realidades diferentes, o que acaba por se reconhecer situações-chave para a discussão do fator gênero no trabalho.

Salientamos a esse respeito que autores/as que vêm estudando a relação do trabalho das mulheres, enfatizando diferenças de gênero, têm trazido dados de vários tipos de trabalho desenvolvidos por elas, os quais trazem situações como a sub-representação em determinados níveis de gestão e de supervisão, como a jornada dupla (família e trabalho). Ademais, a diferença na força física, sem o devido reconhecimento, pode contribuir para a falta de acesso a trabalhos tidos como majoritariamente para homens, repercutindo em percentuais negativos para as mulheres no que concerne ao acesso à formação e à informação a respeito do desenvolvimento de

determinadas ocupações. Nesse sentido, tais aspectos configuram-se em desigualdades nas condições de trabalho e, conseqüentemente, apresentam repercussão na segurança e na saúde ocupacionais das mulheres (Salvaro; Mariano, 2021; Vogel, 2015; Tran *et al.*, 2019; Rios; Chong; Grau, 2017; Akhter; Rutherford; Chu, 2019).

Vale destacar que a realidade laboral apresentada identificou que as mulheres têm os maiores percentuais de prevalências de adoecimento no trabalho. Essas realidades se somam a outras vivências a que elas são submetidas, como a sobrecarga do trabalho doméstico, e, ainda, há a segregação de determinadas ocupações com desequilíbrios na distribuição dos tipos de tarefas, nos recursos e no poder em relação aos homens que ocupam setores mais valorizados e são mais bem remunerados no trabalho, entre outros fatores.

Desse modo, embora seja difícil documentar a existência de preconceito e estereótipos de gênero em diversos locais de trabalho, é importante afirmarmos que iniciativas de políticas e de legislações de segurança e de saúde ocupacionais, específicas de gênero, vêm sendo propostas pela Organização Internacional do Trabalho (OIT)¹, ao se considerar a importância de se desenvolver programa que possa contribuir para a igualdade de gênero e fortalecer a proteção social no trabalho. Esses são exemplos que trarão contribuição tanto no tratamento das diferenças de sexo quanto nas formas de lidar com essas diferenças, com as possíveis discriminações, além da proteção, da segurança e da saúde no ambiente de trabalho.

Isso posto, salientamos que o objetivo deste estudo foi o de demonstrar fatores que podem estar associados à saúde e à segurança ocupacionais de mulheres trabalhadoras com a questão de gênero e trabalho.

2 GÊNERO E TRABALHO

Compreender gênero é um meio de decodificar para compreender o sentido e, também, as complexas relações entre as diversas formas de interação humana (Scott, 1989). Assim, pensar em gênero nas relações de trabalho requer pensar definições fundamentais, como a divisão do trabalho

¹ Cf. OIT (2019).

remunerado; o trabalho doméstico não remunerado e as relações de poder na sociedade contemporânea (Biroli, 2018); e como essas relações funcionam hierarquicamente e repercutem na saúde dos/as trabalhadores/as.

3 MATERIAIS E MÉTODO

Para este caso, trata-se de uma revisão sistemática (Page *et al.*, 2021). Dessa maneira, para a realização do estudo, foram seguidos alguns passos, que envolveram a pergunta de pesquisa, leitura, discussão dos dados apresentados e análises críticas dos estudos. A busca dos estudos realizou-se usando quatro bases de dados eletrônicas: *Science Direct*, *Scopus*, *PubMed* and *Web of Science*. Foram utilizadas as seguintes palavras de busca: *occupational diseases; gender issues; gender AND safety AND health AND work*.

Nos critérios de exclusão dos artigos, para realizar a discussão do estudo e responder à pergunta de pesquisa, alguns artigos foram lidos. Nesse processo, eles foram utilizados na introdução do estudo, em razão de terem trazido questões que puderam problematizar os aspectos trabalho e gênero. Os estudos foram incluídos visando à análise qualitativa dos dados encontrados. Salientamos que os critérios de inclusão aplicados foram estudos que não fossem revisões sistemáticas; que fossem publicados no período de 5 anos, de 2016 a 2020; que fossem artigos com fase final de publicação; publicados em todas as línguas; além de estudos que trouxessem dados inseridos na saúde e na segurança ocupacionais de homens e mulheres.

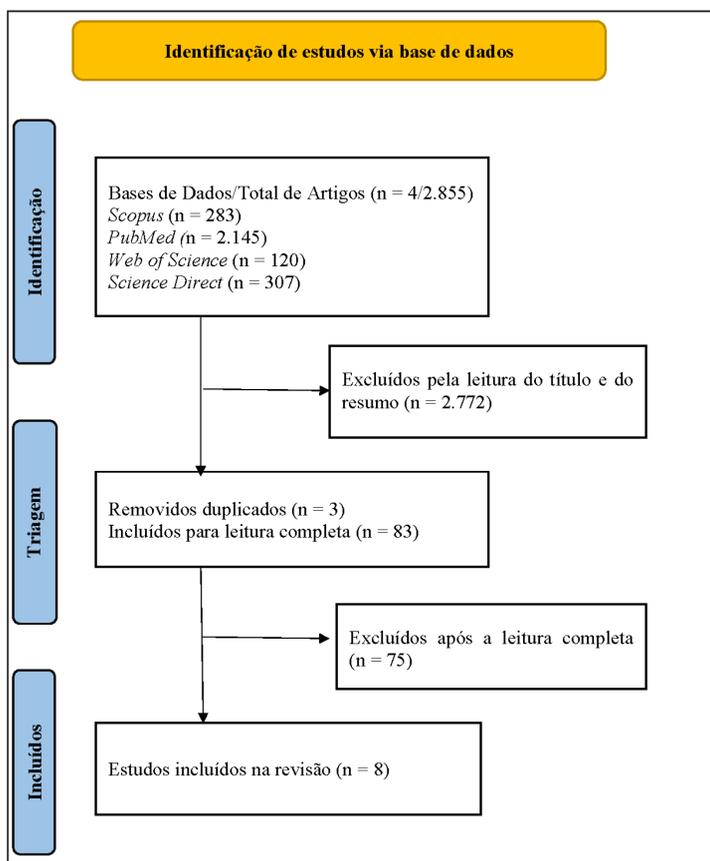
Os critérios de exclusão foram os artigos que estivessem repetidos pelas bases selecionadas ou com estudos inconclusivos. Os artigos foram avaliados, também, por meio de comparação, de discussão das análises e de dados apresentados. O estudo iniciou-se em 26 de maio de 2021, com a busca das bases de dados, e se encerrou no dia 31 de maio de 2021. A pesquisa bibliográfica inicial retornou um total de artigos das quatro bases de dados selecionadas. Foram empregadas as palavras de busca *occupational diseases AND gender issues* e encontrados 2.855 estudos, sendo 2.145 artigos na *PubMed*, 120 na *Web of Science*, 283 na *Scopus* e 307 na *Science Direct*. Filtros aplicados: texto completo gratuito, texto completo, relatórios de caso, artigo clássico, estudo clínico, ensaio clínico, estudo comparativo,

ensaio clínico controlado, estudo de avaliação, artigo de revista, estudo observacional, de 2016 a 2020.

4 RESULTADOS

Ao fim da leitura de títulos, ficaram 86 artigos, sendo três repetidos. Assim, foram lidos 83 artigos. Após a aplicação dos critérios de inclusão e de exclusão, foram selecionados oito estudos, os quais configuram a revisão sistemática. A Figura 1 é uma síntese dos passos metodológicos de busca e de seleção dos estudos para se chegar à amostra final. A Tabela 1 traz as características dos estudos incluídos na revisão.

Figura 1 – Diagrama Prisma 2009 (adaptado) (N = soma)



Fonte: Elaborada pela autora.

Tabela 1 – Características dos estudos incluídos na revisão

| Autores/as | Objetivo | Métodos | Principais resultados | Desfechos |
|---|---|--------------------------------|---|---|
| Mandić <i>et al.</i> (2018) | Estimar a exposição ocupacional a infecções transmitidas pelo sangue entre trabalhadores de hospitais gerais na Sérvia. | Estudo transversal. | A distribuição dos acidentes em 2012 foi igual entre os gêneros (39%), mas em toda a carreira foi mais prevalente nas mulheres (67%). | Os resultados do estudo podem servir de base para futuros estudos longitudinais como parte do “Acordo-Quadro sobre a prevenção de ferimentos por materiais cortantes no setor hospitalar e de saúde” da UE. |
| Abraha <i>et al.</i> (2018) | Estimar a prevalência de dor nas costas e sua associação com uma variedade de fatores de risco entre os trabalhos de produção da fábrica têxtil de Almeda, de março a abril de 2015. | Estudo transversal. | A prevalência de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho foi de 53,1%. Sexo feminino, idade, anos de serviço, falta de atividade física, indisponibilidade de cadeira ajustável, carga de trabalho e pouca luz foram significativamente associados ao aumento do risco de dor nas costas. | A razão pela qual as mulheres desenvolveram mais dor do que os homens podem ser pelo fato de que a maioria delas são operadoras de máquinas de costura, as quais exigem que elas fiquem muito tempo sentadas; e, além disso, as mulheres têm de trabalhar muito em casa, enquanto cuidam de sua família, o que é um fardo duplo e, assim, elas não têm tempo de descanso suficiente para reparar o cansaço. |
| Briones-Vozmediano <i>et al.</i> (2018) | Explorar as percepções dos prestadores de serviços de saúde em relação aos pacientes com fibromialgia na Espanha. | Estudo qualitativo. | A fibromialgia é considerada um problema de saúde da mulher. | Para melhorar a atenção dos pacientes com fibromialgia, os profissionais de saúde devem aprender a atender pacientes sem preconceitos. |
| Araújo, Pinho e Masson (2019) | Descrever trajetórias iniciais das investigações de saúde do/a professor/a no contexto brasileiro; discutir elementos que consolidaram consenso com relação à caracterização do trabalho e os principais problemas de saúde neste grupo; e sistematizar seus principais avanços e desafios. | Ensaio observacional | As investigações e práticas ainda mantêm a ênfase no indivíduo e na doença, com ausência ou abordagem limitada dos fatores do trabalho (processo e gestão do trabalho) no processo saúde/doença. Questões relativas aos diferenciais de gênero (no trabalho e na situação de saúde) também permanecem invisíveis. | A utilização de estratégias de pesquisa que incorporem os/as trabalhadores/as nos processos de concepção, construção e desenvolvimento do conhecimento é central, sobretudo, pela potência transformadora que pode promover. |
| Tirioni <i>et al.</i> (2019) | Avaliar a associação entre percepção de desconforto corporal e fatores organizacionais individuais e do trabalho em trabalhadores de frigoríficos de aves. | Estudo descritivo transversal. | Houve associação significativa entre percepção de desconforto corporal e sexo feminino, desempenho em tarefas repetitivas e percepção de frio. | Os achados demonstraram que o setor de segurança e de saúde ocupacionais em matadouros de aves deve monitorar os sintomas de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT) em seus trabalhadores, principalmente mulheres, trabalhadoras que realizam tarefas repetitivas, bem como aquelas que realizam tarefas em ambientes frios, porque esses grupos são mais propensos a sentirem desconforto corporal. |

| Autores/as | Objetivo | Métodos | Principais resultados | Desfechos |
|---------------------------|--|----------------------|--|---|
| Yang <i>et al.</i> (2016) | Estimar a prevalência de dor lombar, investigar associações entre dor lombar e um conjunto de fatores de risco emergentes no local de trabalho e identificar grupos de trabalhadores com maior vulnerabilidade para dor lombar nos Estados Unidos. | Estudo transversal. | Associações significativas entre dor lombar e um conjunto de fatores psicossociais, incluindo desequilíbrio trabalho-família. Mulheres que trabalharam 41-45 horas por semana e trabalhadores mais jovens que trabalharam mais de 60 horas por semana tiveram um risco aumentado de dor lombar. | Este estudo relacionou a dor lombar ao desequilíbrio trabalho-família, exposição a um ambiente de trabalho hostil, insegurança no trabalho, longas horas de trabalho e determinados grupos ocupacionais. Esses fatores devem ser considerados por empregadores, formuladores de políticas e profissionais de saúde que estão preocupados com o impacto da dor lombar nos trabalhadores. |
| D'Agostin e Negro (2017) | Obter mais informações sobre as taxas de prevalência de distúrbios musculoesqueléticos (DME) em enfermeiros. | Estudo transversal. | Dor lombar foi o sintoma mais frequentemente relatado, seguido por dor no pescoço e dor no ombro, com prevalência significativamente maior em enfermeiros. As mulheres tiveram um risco cerca de duas vezes maior de dor na região dos membros superiores e do pescoço em comparação aos homens. | As taxas de prevalência em enfermeiras aumentaram significativamente com a idade. Sugere-se a necessidade de estratégias de intervenção eficazes, envolvendo a participação ativa dos trabalhadores, a fim de se melhorar o processo e a organização do trabalho e de se promover um ambiente psicossocial de trabalho positivo. |
| Seo, 2019 | Explora a prevalência da multimorbidade na população trabalhadora e discute a distribuição da multimorbidade em subgrupos específicos. | Análise longitudinal | Maior prevalência apareceu em mulheres trabalhadoras com filhos em idade escolar, empregos atípicos, sem autonomia no trabalho ou ocupação não qualificada. | A multimorbidade é um fenômeno comum na população trabalhadora, e as mulheres experimentam uma carga maior de multimorbidade. Geralmente, apresentam uma combinação de problemas físicos, psicológicos e sociais e precisam de tempo, empatia e uma abordagem holística centrada no paciente, para cuidar. |

Fonte: Elaborada pela autora.

5 DISCUSSÃO

Os estudos selecionados trazem a situação da saúde e da segurança ocupacionais em vários setores e suscitam discussões a respeito de como as condições de trabalho afetam, aqui, em especial, as mulheres.

Importa registrar que, quando se refere à multimorbidade, entendemos que ela está presente na população trabalhadora, porém as mulheres aparecem com uma carga maior em relação ao homem. No trabalho de Seo (2019), ele afirma que

[...] cerca de 20% das mulheres trabalhadoras apresentavam multimorbidade aos 55 anos, cerca de 10 anos antes dos homens trabalhadores. Uma prevalência maior apareceu em mulheres trabalhadoras com filhos em idade escolar, emprego atípico, sem autonomia no trabalho ou ocupação não qualificada (Seo, 2019, p. 1).

Isso evidencia que a multimorbidade é um grande problema de saúde pública, e esse problema geralmente vem associado a outros, sejam eles físicos, psicológicos ou sociais.

Sobre a importância de enfatizar a questão de gênero, quando diz respeito às doenças pelas quais as mulheres são afetadas, o trabalho de Briones-Vozmediano *et al.* traz o exemplo da doença fibromialgia, que acomete predominantemente mulheres e tem, ainda, preconceito arraigado, definindo as mulheres que sofrem da doença como problemáticas, exigentes, que vivem a se queixar, exageradas, hipocondríacas e naturalmente fracas (Briones-Vozmediano *et al.*, 2018).

Assim, na saúde ocupacional, é fundamental realizar análises mais específicas, as quais possam identificar diferenças sexuais e de gênero nos riscos e nas oportunidades de saúde, pensando em projeções de intervenções apropriadas. Nesse aspecto, salientamos que o Brasil é o segundo maior produtor e maior exportador de carne de frango do mundo, e que o processamento de aves é fisicamente exigente e envolve fatores que aumentam o risco de se desenvolver um DORT. Na pesquisa de Tirloni *et al.* (2019, p. 7),

[...] os achados demonstraram que o setor de gestão de segurança e de saúde ocupacionais em frigoríficos de aves deve monitorar os sintomas de DORT entre seus trabalhadores, principalmente trabalhadores do sexo feminino, trabalhadores que executam tarefas repetitivas, bem como aqueles que executam tarefas em ambientes frios porque esses grupos são mais propensos a sentir desconforto corporal.

Salientamos, também, nessa perspectiva, que o setor de mineração artesanal e de pequena escala é um meio de vida para homens e mulheres em todo o mundo; ele é dominado por homens, embora a participação de mulheres esteja crescendo. Contudo, essa participação vem acrescentada de menos retornos econômicos, assim como da necessidade de avaliação crítica no que concerne à saúde e à segurança de trabalho. O gênero, desse

modo, é um marcador fundamental da estratificação social e econômica associada à exclusão, quando se observa que a maioria dos benefícios da mineração do ouro em pequena escala vai para os homens; para as mulheres, vai a maioria dos riscos e das vulnerabilidades (Armah *et al.*, 2016).

No que se refere à exposição ocupacional de profissionais de saúde a infecções transmitidas pelo sangue (Mandić *et al.*, 2018), mesmo considerando a análise para o ano de 2012, na qual os acidentes foram iguais entre os gêneros, ao se considerar o tempo de carreira dos profissionais, tal exposição foi mais prevalente nas mulheres (67%).

Na docência, a situação laboral das mulheres não é dissociada do acúmulo com o trabalho doméstico, quando se refere aos desequilíbrios de tarefas, de recursos e de poder. Nesse setor, a proporção maior de homens envolvidos depende do maior nível de ensino. As mulheres predominam na educação infantil e, novamente, são acrescidas as diferenças na participação do trabalho doméstico. Desse modo, pensar valorização, qualificação, entre outros fatores, é dar visibilidade à questão de gênero nessa divisão de trabalho (Araújo; Pinho; Masson, 2019).

Em hospitais, como em outras seções de trabalhos de universidades, ao se comparar homens e mulheres, elas relataram sintomas musculoesqueléticos com mais frequência, da mesma forma que trabalhadoras da Enfermagem. Esses dados se repetiram entre os funcionários da universidade, em que as taxas de prevalência em 12 meses também foram maiores no sexo feminino do que no masculino para sintomas musculoesqueléticos na região do pescoço, dos ombros e dos membros superiores, mas foram significativamente menores nos membros inferiores (D'Agostin; Negro, 2017).

Acerca da análise sobre dor lombar a um conjunto de fatores de riscos psicossociais, considerando o desequilíbrio trabalho-família, destacamos que ela foi importante para se verificar os grupos mais vulneráveis entre trabalhadores nos Estados Unidos. Nesse sentido, o estudo de Yang *et al.* (2016) concluiu que trabalhadoras do sexo feminino ou mais velhas estavam em maior risco de sentir dor lombar. A esse respeito, constata-se que as mulheres têm 13 vezes mais tendência a desenvolver distúrbios nas costas em comparação aos homens. Fatores como a dupla jornada, trabalho e casa exacerbam tal confirmação. Esse estudo ainda cita outros realizados

em países como Bangladesh, Tailândia, Los Angeles e Nepal, que também trazem dados semelhantes (Yang *et al.*, 2016).

No geral, para o enfrentamento das consequências provenientes da realidade de maiores taxas de adoecimento, na análise e nas práticas da segurança e da saúde ocupacionais das mulheres trabalhadoras, os estudos apontaram reconhecimento nas diferenças de dados, tendo a perspectiva de gênero como fator fundamental.

6 LIMITAÇÕES

Há limitações em relação aos resultados deste estudo. A pesquisa qualitativa baseou-se em análise de resultados de dados referentes à saúde ocupacional de mulheres trabalhadoras e a comparações com homens trabalhadores. No entanto, a heterogeneidade entre os estudos dificultou as análises, na medida em que não se avaliou apenas uma área de trabalho. Ressaltamos, ainda, a ausência de instrumentos adequados para analisar a questão de gênero nas pesquisas encontradas.

7 CONCLUSÃO

Verificamos, nos artigos analisados, uma associação da saúde e da segurança ocupacionais com as questões de gênero, influenciando a incidência de doenças, o que pode determinar fatores de risco, sejam eles físicos, sejam psicossociais.

Os estudos selecionados trouxeram diferentes tipos de exposições no trabalho, sejam como prevalência de acidentes no ambiente hospitalar, sejam como distúrbios osteomusculares, distúrbios musculoesqueléticos, multimorbidade em mulheres com filhos pequenos e sem autonomia no trabalho ou ocupação não qualificada. Ademais, ainda há os fatores psicossociais, os quais estão significativamente relacionados à dor lombar, incluindo-se, também, nesse âmbito, a situação familiar. Todos esses fatores influenciaram maiores eventos negativos em relação à saúde e à segurança ocupacionais das mulheres.

Por fim, ressaltamos que os estudos apresentaram motivos de maior percentual de adoecimentos em mulheres, considerando-se aspectos

específicos nos ambientes de trabalho, os quais resultam negativamente na sua saúde e na sua segurança ocupacionais. Sugerimos, desse modo, um maior aprofundamento nos dados colhidos referente às questões de gênero, para que se possa provocar mudanças a fim de garantir melhores condições de trabalho às mulheres.

REFERÊNCIAS

ABRAHA, Teklehaymanot Huluf; DEMOZ, Asmelash Tekie; MOGES, Haimanot Gebrehiwot; AHMMED, Ansha Nega. Predictors of back disorder among Almeda textile factory workers, North Ethiopia. *BMC Research Notes*, [s.l.], v. 11, 2018. Doi: 10.1186/s13104-018-3440-4

AKHTER, Sadika; RUTHERFORD, Shannon; CHU, Cordia. Sewing shirts with injured fingers and tears: exploring the experience of female garment workers health problems in Bangladesh. *BMC International Health and Human Rights*, [s.l.], v. 19, 2019. Doi: 10.1186/s12914-019-0188-4

ARAÚJO, Tânia Maria de; PINHO, Paloma de Sousa; MASSON, Maria Lucia Vaz. Trabalho e saúde de professoras e professores no Brasil: reflexões sobre trajetórias das investigações, avanços e desafios. *Cadernos de Saude Pública*, Rio de Janeiro, v. 35, 2019. Doi: 10.1590/0102-311X00087318

ARMAH, Frederick Ato; BOAMAH, Sheila; QUANSAH, Reginald; OBIRI, Samuel; LUGINAAH, Isaac. Working conditions of male and female artisanal and small-scale goldminers in Ghana: Examining existing disparities. *Extractive Industries and Society*, [s.l.], v. 3, n. 2, p. 464-74, 2016. Doi: 10.1016/j.exis.2015.12.010

ATZ, Mariana Valls. *Fatores psicossociais associados ao absenteísmo-doença e ao estilo de vida em servidores públicos de uma instituição federal de ensino superior*. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRIONES-VOZMEDIANO, Erica; ÖHMAN, Ann; GOICOLEA, Isabel; VIVES-CASES, Carmen. “The complaining women”: health professionals’ perceptions on patients with fibromyalgia in Spain. *Disability and Rehabilitation*, [s.l.], v. 40, n. 14, p. 1679–685, 2018. Doi: 10.1080/09638288.2017.1306759

COORDENAÇÃO GERAL DE SAÚDE DO TRABALHADOR. Desigualdades no mercado de trabalho e perfil de adoecimento das mulheres trabalhadoras brasileiras. *Boletim Epidemiológico*, Brasília, v. 51, n. 20, p. 1–11, 2020. Disponível em: <https://renastonline.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/arquivos/recursos/boletm-mulheres-desigualades-traballho.pdf>. Acesso em: 31 mar 2023.

D'AGOSTIN, Flavia; NEGRO, Corrado. Symptoms and musculoskeletal diseases in hospital nurses and in a group of university employees: a cross-sectional study. *International Journal of Occupational Safety and Ergonomics*, [s.l.], v. 23, n. 2, p. 274-84, 2017. Doi: 10.1080/10803548.2016.1198092

IBGE. Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. *Estudos e Pesquisas - Informação Demográfica e Socioeconômica*, Brasília, n. 38, 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.

MANDIĆ, Bojana; MANDIĆ-RAJČEVIĆ, Stefan; MARKOVIĆ-DENIĆ, Ljiljana; BULAT, Petar. Occupational exposure to blood and bodily fluids among healthcare workers in Serbian general hospitals. *Arhiv za Higijenu Rada i Toksikologiju*, [s.l.], v. 69, n. 1, p. 61-8, 2018. Doi: 10.2478/aiht-2018-69-3047

OLIVEIRA, Thais Camargo. Perfis de Adoecimento mental dos servidores públicos federais assistidos pelo SIASS IFGoiano/IFG. *Tecnia*, [s.l.], v. 4, n. 1, p. 1-13, 2019.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO [OIT]. *Segurança e saúde no centro do futuro do trabalho*: tirando partido de 100 anos de experiência. Genebra: Bureau Internacional do Trabalho, 2019. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---europe/---ro-geneva/---ilo-lisbon/documents/publication/wcms_690142.pdf. Acesso em: 12 dez. 2022.

PAGE, Matthew *et al.* PRISMA 2020 explanation and elaboration: updated guidance and exemplars for reporting systematic reviews. *The BMJ*, [s.l.], v. 372, n. 160, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1136/bmj.n160>

RIOS, Fernanda Cruz; CHONG, Wai; GRAU, David. The need for detailed gender-specific occupational safety analysis. *Journal of Safety Research*, Amsterdam, v. 62, p. 53-62, 2017. Doi: 10.1016/j.jsr.2017.06.002

SALVARO, Giovana Ilka Jacinto; MARIANO, Patrícia. Saúde Mental de Trabalhadoras em Estudo: contribuições ao debate de gênero. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 26, p. 1-15, 2021. Doi: 10.4025/psicoestud.v26i0.44059

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. *Gênero e Educação*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1989.

SEO, Sukyong. Multimorbidity development in working people. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, [s.l.], v. 16, n. 23, 2019. Doi: 10.3390/ijerph16234749

TIRLONI, Adriana Seára; REIS, Diogo Cunha Dos; BORGATTO, Adriano Ferreti; MORO, Antônio Renato Pereira. Association between perception of bodily discomfort and individual and work organisational factors in Brazilian slaughterhouse workers: a cross-sectional study. *BMJ open*, [s.l.], v. 9, n. 2, p. e022824, 2019. Doi: 10.1136/bmjopen-2018-022824

TRAN, Back Xuan *et al.* Depressive symptoms among industrial workers in vietnam and correlated factors: A multi-site survey. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, [s.l.], v. 16, n. 9, 2019. Doi: 10.3390/ijerph16091642

VOGEL, Laurent. “Putting on gender glasses” to understand working conditions. *European Trade Union Institute Search (ETUI)*, Brussels, Special report v. 4, n. 34, 2015.

YANG, Haiou; HALDEMAN, Scott; LU, Ming Lun; BAKER, Dean. Low back pain prevalence and related workplace psychosocial risk factors: a study using data from the 2010 national health interview survey. *Journal of Manipulative and Physiological Therapeutics*, [s.l.], v. 39, n. 7, p. 459-72, 2016. Doi: 10.1016/j.jmpt.2016.07.004

ZANELLO, Valeska; FIUZA, Gabriela; COSTA, Humberto Soares. Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico TT- Gender and mental health: gendered facets of psychological suffering. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 27, n. 3, p. 238-46, 2015. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1483>. Doi: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1483>

